



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

Comunicologia de Vilém Flusser: por uma compreensão epistemológica da mediatização¹ **Vilém Flusser's Communicology: for an epistemological comprehension of mediatization**

Guilherme Policena²

Tiago Quiroga³

Resumo: O estudo tem o objetivo de propor a teoria da comunicação (*Comunicologia*) do filósofo tcheco-brasileiro Vilém Flusser como contribuição epistemológica para a compreensão do fenômeno da mediatização social. A partir da cultura teórica que enfatiza ora aspectos formais da comunicação, ora simbólicos, mas com dificuldade de constituírem unidade, a comunicologia flusseriana será proposta na zona de entremeio dos tradicionais polos de entendimento sobre o objeto comunicacional. Investigando a estrutura e evolução do *código simbólico*, busca-se uma síntese epistemológica que esteja equipada para lidar com a complexidade da comunicação mediatizada.

Palavras-chave: Comunicologia; Flusser; Mediatização.

Abstract: The study aims to propose the theory of communication (Communicology) of the Czech-Brazilian philosopher Vilém Flusser as an epistemological contribution to the understanding of the social mediatization phenomenon. It will be reconstituted the emergence of the communicational question in the theoretical lines of contemporary thought and its epistemological problematic - the disjunction of its object in theories that emphasize sometimes formal aspects of communication, sometimes symbolic, but with difficulty to constitute unity. Flusser's communicology will be proposed in the area between the traditional poles of understanding about the object. By investigating the

¹ Trabalho apresentado ao III Seminário Internacional de Pesquisas em Mediatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS – 6 a 10 de maio de 2019.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília.

Contato: guilhermepolicena@hotmail.com

³ Doutor em Ciências da Comunicação (ECA-USP). Autor do livro *Pensando a episteme comunicacional*. (Edupeb, 2013). Professor no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília.

Contato: tagorj@terra.com.br



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

structure and evolution of the symbolic code, we seek an epistemological synthesis that is equipped to deal with the complexity of mediatized communication.

Key-words: Communicology; Flusser; Mediatization.

1. Introdução

Situada em uma dimensão histórica de mediatização social que já vinha sendo identificada como um fenômeno emergente; e em uma dimensão metodológica de contínuo aprimoramento em intersecção com as ciências sociais, a comunicação se tornou uma “figura emblemática da sociedade do Terceiro Milênio” (MATTELART, 2011, p. 9) e começou a amadurecer a ponto de conquistar um terreno que poderia chamar de seu próprio campo.

Essa disciplina em formação começou a se voltar para seu próprio objeto e percebeu que, a despeito da indubitável crescente importância e destaque que o termo *comunicação* iria adquirindo no contexto social e tecnológico; a questão do que seria em essência este próprio fenômeno se perdeu em um caos de projetos teóricos, acadêmicos, sociais, políticos e econômicos. A figura de um campo de fluxos sem um centro de referência ilustra bem a sua condição (in) disciplinar.

Ao contrário da noção de campo, uma disciplina exige um grau de integração, de sistematização e de rigor entre os conhecimentos aí gerados. Eles possuem um centro de gravidade que a noção de campo desconhece. Os problemas giram em torno de um núcleo, expressado pela ideia de um objeto de estudo. (MARTINO, 2007, p. 127)

Esse estado traz uma nova frente de pesquisadores e pensadores engajados no problema para uma sub-área em emergência: *a epistemologia da comunicação*. O estudo, já nesse nível introdutório, pretende deixar claro que o objetivo primário é explorar a questão epistemológica, deixando os elementos de crítica social ou cultural



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

apenas como questões de fundo. Isto quer dizer que as consequências culturais advindas de uma ou de outra prática (adoção do positivismo ou sócio-culturalismo) na esfera real não serão a fonte de critério para avaliarmos a validade epistemológica dessas teorias. A crítica epistemológica aqui, diz respeito à maneira como a comunicação é abordada e a posição que ela ocupa, como conceito e tema, no interior dessas teorias.

O campo comunicacional é sedimentado numa zona de convergência *a posteriori*, onde as teorias vindas dos mais diversos campos do saber se agrupam. Esse campo tem dificuldade para dizer qual exatamente a sua essência a não ser um repositório daquilo que foi produzido tendo a comunicação como um conceito importante, ainda que subordinado.

Enfim, o discurso sobre a comunicação é com frequência promovido ao estatuto de teoria geral, sem inventário. As fórmulas brilhantes de Marshall McLuhan caminham lado a lado com o pesado aparato filosófico de Jürgen Habermas, sem que se possa dizer qual dos dois provocou a maior alteração dos olhares voltados ao ambiente tecnológico. (MATTELART, 2011, p. 11)

Ou seja, a despeito de toda essa multiplicidade de discursos e disciplinas que a tematizam ao longo do processo histórico-filosófico, tal zona cinzenta foi reconhecida como possuindo um objeto e uma especificidade comunicacionais, ainda que muito nebulosamente compreendidos.

A caracterização do objeto carrega em sua “face” todas as marcas que correspondem (de modo quase metafórico) à sua história de nascença. Aqui se aplica um tipo de identidade entre campo e objeto: os aspectos institucionais, acadêmicos da comunicação (que envolvem desencontros, indefinições, hibridismos e dispersões) também são aqueles que se encontram na caracterização da natureza do próprio objeto. Portanto, um objeto pouco domável em sua natureza e correlacionável com o processo de mediação deve receber o tratamento de uma episteme que incorpore todas essas nuances.



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Midiatização** e Processos Sociais

Para que possamos avançar nessa compreensão do comunicacional em sua fertilidade conceitual e epistêmica, pretendemos buscar novas perspectivas a partir da *Comunicologia*, a teoria da comunicação elaborada pelo filósofo tcheco-brasileiro Vilém Flusser (1920 – 1991).

Devemos inserir essa leitura dentro de uma dialética que vai buscar, dentro das contradições surgidas dos modelos mais consolidados de se pensar a comunicação (da informação e do sentido), elementos essenciais que se sobressaiam e tenham fôlego e consistência para sobreviver diante do embate entre tais perspectivas. Ao fazê-lo, perceberemos que esses elementos em comum foram muito bem captados por Flusser, no que sua *Comunicologia* se desenvolve entre os polos epistemológicos tradicionais do objeto comunicacional: busca a descrição cibernética dos processos de codificação e decodificação informacional; mas, não se limitando ao aspecto formal, também relaciona esse processo com a produção de sentido dentro da cultura. Tal dinâmica é responsável por construir a ambiência simbólica da civilização, seu “clima” intersubjetivo, por assim dizer.

Cientes de que “na comunicação, a epistemologia e a ontologia tanto mais se aproximam, quanto mais se entrelaçam a produção cognitiva e o próprio questionamento da comunicação como área do conhecimento.” (FERRARA, 2018, p. 26) teremos o cuidado e o esforço de aproximar constantemente os dois aspectos, extraindo genealogicamente os indícios da possível especificidade ontológica do objeto e dando-lhes o tratamento epistemológico a partir do olhar de Flusser. Se o que ele tentou foi dar “passos hesitantes e incipientes na direção de uma futura comunicologia” (FLUSSER, 2014, p. 35), tentaremos de alguma forma continuá-los, avaliando suas limitações e potencialidades para a conquista do objeto e estudo do fenômeno da midiatização.

Reavivar a *Comunicologia* torna-se tarefa necessária se queremos “religar as pontas” do pensamento comunicacional brasileiro. Trata-se de tensionar a



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

Comunicologia com as atuais problemas e questões da comunicação que, devido ao amadurecimento do campo ao longo dos últimos anos, estão melhor identificados e definidos do que na época de Flusser. Sem contar que o desenvolvimento tecnológico - cujos fenômenos correlatos da tecno-imagetização e descentralização em rede, antecipados por Flusser - molda a forma e o espírito do século XXI e traz ainda mais densidade e urgência para o enfrentamento dos desafios da comunicação midiaticizada.

2. Vilém Flusser e a comunicologia

Judeu nascido na Tchecoslováquia, o filósofo Vilém Flusser teve seus estudos formais em filosofia interrompidos pela máquina totalitária do nazismo, que veio a forçar sua emigração junto com sua companheira (e depois esposa) Edith Flusser para a Inglaterra, temporariamente, e depois para o Brasil, onde se fixou. No Brasil, recebe a notícia do extermínio de seus familiares. O extremo desolamento emocional e a sensação de estar sem lugar, “sem chão” (*bodenlos*), juntamente com o trabalho comercial na firma do sogro, para o qual ele se considerava incompetente, adicionaram grande desafio em sua jornada de adaptação a uma nova vida surgida como que por acidente. O prosseguimento de sua carreira acadêmica se dá na leitura noturna dos clássicos da filosofia, e suas primeiras publicações são em jornais.

Flusser escreveu em português, inglês, francês e alemão. Mais do que um erudito que dominava com facilidade diferentes idiomas, ele via na tradução e retradução uma atividade não de simples preservação da correspondência, mas da criação do novo. Cada língua, para ele, traria consigo um “clima” próprio de percepção da realidade. A escrita e a publicação se tornaram o sentido de sua existência. Publicou ensaios e artigos em diversos periódicos e livros. No Brasil, contribuiu com o suplemento literário da *Folha de S. Paulo*, fato que alavancou sua visibilidade no meio intelectual. Participava assiduamente de eventos relacionados à arte. Vários de seus escritos não datados estão



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

armazenados no Arquivo Flusser, na Alemanha; e seu pensamento continua motivando a organização e curadoria de material.

Sua carreira apresenta mudanças que nos permitem falar em fases temáticas e é marcada muito mais por um aperfeiçoamento epistemológico baseado na conciliação entre paradigmas do que por rupturas (ou autorupturas) radicais seguidas de substituição. De maneira geral, podemos dividir sua obra em duas grandes fases: a primeira, desenvolvida no Brasil, buscava uma articulação entre filosofia da linguagem, fenomenologia e existencialismo; chegando à radical concepção de identidade entre *Língua e realidade*, título de seu primeiro livro. A segunda fase, desenvolvida na Europa, tendeu para a reflexão sobre comunicação, tecnologia, teoria da mídia e arte. Várias das conclusões na segunda fase, contudo, são auxiliadas pelo arcabouço teórico da primeira. Infelizmente, Flusser morreu em um acidente automobilístico em 1991, justamente quando a unidade de suas fases estava se solidificando em uma abrangente teoria, batizada de *comunicologia*, que ele vinha expondo preliminarmente em artigos e palestras.

Se o interesse da gente se encaminhou cedo em direção à filosofia da linguagem, foi porque a linguagem foi captada e vivenciada como sistema simbólico, e se, mais tarde, tal interesse foi se ampliando e agora abrange o terreno da comunicação, foi porque a essência da comunicação, a “mediação”, está sendo captada e vivenciada como simbolização, isto é como *Sinngebung* = dar significado. (FLUSSER, 2007a, p. 154-155).

O tom em que Flusser expressa seu diagnóstico sobre a sociedade midiaticizada a partir da comunicologia é de uma complexidade que não pode ser reduzida a uma posição tecnofílica (otimista) ou tecnofóbica (pessimista) no tocante ao sentido ético da técnica para a existência humana. Mais profundamente, o filósofo pretende elucidar aquelas estruturas que justamente desafiam e suscitam o questionamento humano, aquilo que em si é a fonte das reações tanto de entusiasmo quanto de medo.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

Seu ferramental teórico irá, por um lado, se ancorar na fenomenologia e no existencialismo; por outro, na cibernética e teoria da informação (HANKE, 2004, p. 67). Com a fenomenologia de Husserl, ele aplica o método da redução (*epoché*), com vistas a captar os fenômenos em sua essência, despido de teorias prévias (historicistas) e das categorias epistemológicas prefiguradas pela forte objetividade da modernidade. Com o existencialismo (de viés heideggeriano), investiga o sentido dos esforços humanos no contexto da radical condição de *ser-para-a-morte*, colocando a tensão humana diante do vazio como elemento-chave para a elaboração teórica da comunicação. Da cibernética e teoria da informação, busca uma descrição formal dos processos comunicacionais, desde seus estágios rudimentares até os mais avançados tecnologicamente. Assim como a preocupação primordial na fase brasileira não é com os pormenores da linguagem à maneira dos linguistas e filólogos, e sim com sua essência ou sentido fundamental, também na fase europeia ele não está interessado em analisar os aspectos puramente técnicos dos novos meios, mas em entender seu sentido para a cultura, cognição e o estar-no-mundo existencial do ser humano.

Flusser era um comunicador no sentido mais profundo do termo. Fazia diferentes linguagens se comunicarem. Quando não resolvia as velhas dicotomias na história das ideias, no mínimo endereçava o questionamento de forma extremamente provocativa. Essa postura permitiu que ele investigasse o fenômeno da comunicação de maneira original, unindo as modalidades interpessoais com a comunicação mediada ou midiaticizada. Sua insistência em uma posição não dualista foi uma autêntica abertura para o entendimento da complexidade originária do objeto comunicacional, que tanto se reflete no estado fragmentado e disperso do campo. Ele identificava que o problema da comunicação reside na zona de tensão entre as ciências da natureza e as do espírito. A comunicação apresenta dupla natureza: por um lado, tem uma dimensão formal, em que a informação é produzida, armazenada e transmitida; por outro, uma dimensão



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

existencial, em que essa produção tem o objetivo de encobrir o vazio da condição humana ao produzir um universo intersubjetivo artificial.

Para o filósofo, a comunicação não deve ser estudada estritamente como fenômeno natural, mas humano, que nasce do íntimo de suas intenções. “O caráter não natural desse fenômeno, que se manifesta sob a perspectiva da interpretação, ainda não foi compreendido com a artificialidade de seus métodos (a produção intencional de códigos)” (FLUSSER, 2007b, p. 93). Os códigos, embora sejam percebidos como objetos acabados “aí fora” no mundo, carregam lastro na intersubjetividade (convenções, consensos, narrativas, valores e sensibilidades compartilhadas). Esta remete ao ser-com-outros (*mitsein*), conceito presente na filosofia de Martin Heidegger, que se refere à diluição do *ser-aí* (*dasein*) na impessoalidade coletiva para esquecer sua condição de ser-para-a-morte.

Toda a ambiência cultural e civilizada que cerca o indivíduo – gestos corporais empregados na comunicação cotidiana, placas e sinalizações de trânsito, rótulos de produtos, a arquitetura que dá forma e cor à paisagem urbana, os *outdoors* nas ruas, as imagens de satélite – tudo isso integra um mundo de segunda ordem (ou segunda natureza), que faz esquecer a primeira natureza, em que o humano é invariavelmente um ser preso na cela da solidão, com a morte à sua frente. Nesse sentido o homem “é um idiota (na origem da palavra, uma pessoa privada, *Privatperson*), caso não tenha aprendido a se servir dos instrumentos de comunicação, como, por exemplo, a língua” (FLUSSER, 2007b, p. 89).

Esse segundo mundo (codificado) é tecido pela comunicação, e é por isso que Flusser a define como artifício ou arte de encobrir a primeira natureza. O encobrimento produz uma alienação não só em relação à primeira natureza, mas também em relação à própria comunicação – o que conduz à impressão de “solidez” ou “realismo” da segunda natureza. “Após aprendermos um código, tendemos a esquecer a sua artificialidade: depois que se aprende o código dos gestos, pode-se esquecer que o anuir



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

com a cabeça significa apenas aquele “sim” que se serve desse código” (FLUSSER, 2007b, p. 90). A comunicação está tão pressuposta, imbricada e difusa no mundo codificado, que sequer é percebida como sua essência. Eis o desafio epistemológico que Flusser se propõe a enfrentar: restaurar a consciência do primado da comunicação na construção da realidade. Caminho de “desideologização” ou “desesquecimento” (*aletheia*), no rastro da postura heideggeriana de voltar os olhos para as essências e perguntas fundamentais.

Na busca dos fundamentos teóricos que subjazem ao mundo codificado, Flusser irá desenvolver uma genuína reflexão sobre os códigos, que será o mote central de sua comunicologia. Os códigos são sistemas ordenados de símbolos que possuem a capacidade de substituir o objeto a que se referem, isto é, de realizar mediação. Por isso o código pode ser visto por dois ângulos: como dado da natureza (objeto/processo) e como dinâmica intersubjetiva (convenções/inferências/semiose/alteridade).

Para Flusser, a dinâmica de codificação e decodificação constitui a parte *formal* da comunicação. Ele irá distinguir dois movimentos básicos nesse processo: o *discurso*, em que a informação faz referência a uma fonte emissora; e o *diálogo*, em que ela é referente a mais de um participante. O discurso se dá na emissão e no consumo de informação; o diálogo, em sua reelaboração e retroalimentação no sistema comunicacional.

É possível, por exemplo, distinguir períodos predominantemente dialógicos (como o *ancien régime*, com suas *tables rondes* e *assemblées constitutionnelles*) e períodos predominantemente discursivos (como por exemplo o Romantismo, com seus oradores populares e sua noção de progresso). E pode-se tentar compreender a atmosfera existencial que diferencia a participação no diálogo da participação no discurso, graças à crítica da história, ao mesmo tempo estética, política e epistemológica. (FLUSSER, 2007b, p. 98).



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

Dentro da concepção existencial de comunicação como arte de encobrimento do vazio, pode-se dizer que a comunicação só tem sucesso quando existe um equilíbrio ou igualdade entre as práticas discursivas e dialógicas dentro de uma sociedade. Adiante, será exposto como toda essa dinâmica é possível a partir de algumas estruturas fundamentais – os códigos que informam o mundo e, ao gerar sentido, produzem o universo da comunicação.

3. A escalada da abstração: estrutura e evolução do código simbólico

A escalada da abstração propõe uma perspectiva fenomenológica da história da cultura, na qual o fundamento de transições entre paradigmas culturais está correlacionado com a mudança de código estruturante das comunicações. Tais transições ocorrem por meio da perda progressiva das dimensões espaçotemporais que são fundadas na experiência vivida da cultura. Flusser não se arroga fazer história no sentido arqueológico. A preocupação não é estabelecer com precisão quando cada passo foi tomado, mas captar o que há de fundamental nas diferentes grandes fases da história humana, no sentido da codificação.

Os momentos podem ser divididos em cinco fases, cada qual marcada por uma modalidade predominante de experiência vivida (*erlebnis*) correspondente a um código geral, responsável por unificar a cultura e configurar a *erlebnis* dentro de uma quantidade de dimensões – das quatro até a “zero-dimensão”.

a) Quatro dimensões: as três dimensões do espaço mais o tempo têm cada uma relevância indistintamente distribuída na experiência vivida. Trata-se do mundo da vida (*lebenswelt*) em sua esfera mais primordial de fenomenalidade. O contato com o mundo é mediado pela plenitude do corpo e orientado para a sobrevivência.

b) Três dimensões: a primeira descida na escalada da abstração isola a tridimensionalidade do espaço ao *in-formar* certos objetos que assumirão um novo



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

sentido para a experiência – no caso, abreviar a realização de necessidades de sobrevivência. A fenomenalidade puramente derramada e fluida do espaço-tempo no *4d* agora é substantivada em objetos que possuem determinado volume, profundidade, e carregam valor utilitário – ferramentas e artefatos. O contato com o mundo, antes difuso na corporeidade integral, desloca-se para a manualidade, e sua orientação vai da sobrevivência pura para a utilidade (poupar recursos, abreviar esforços, aumentar eficiência).

c) Duas dimensões (pré-história): a cultura tridimensional permeada por artefatos já tem rudimentos civilizacionais, mas para que tudo não se dissolva no puro sensorialismo momentâneo de exploração do ambiente e uso dos objetos, é preciso criar um meio que permita maior continuidade e transmissão da experiência vivida. Criam-se então as imagens tradicionais (pinturas nas cavernas) como um modo ao mesmo tempo mnemônico e inventivo de registrar a experiência vivida no nível anterior, representando os acontecimentos relacionados à experiência primordial (*4d*) já perpassados pelo uso das ferramentas (*3d*). O contato com o mundo tem na manualidade proporção diminuída e na visualidade proporção aumentada. Busca-se mirar ao mundo para representá-lo em imagens, e visar às imagens para imaginar o mundo.

d) Uma dimensão (história): considerando que as imagens passaram a ser idolatradas e consideradas encobridoras da realidade do mundo, surgiu a necessidade de explaná-las, tirar-lhes a magia. Então, a linguagem visual das imagens foi sendo transcodificada em textos. Eles vêm para “desfiar” as imagens, articulá-las de modo linear, processual, como uma série sucessiva de acontecimentos. Elas “são colocadas em um nível superior e guardadas (*aufgehoben*) (FLUSSER, 2014, p. 56). Eis a consciência histórica. O contato com o mundo torna-se menos visual e mais conceitual, calcado em uma racionalidade linear, sucessiva, narrativa e explanatória.

e) Zero-dimensão (pós-história): a pretensão dos textos de ser a salvaguarda da objetividade começa a ser abalada à medida que eles tentam expressar avanços cada vez



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

mais complexos nas ciências: tornam-se obscuros, herméticos, inconcebíveis pela imaginação. Esse seria o sintoma da crise da história e o que demandou o próximo passo da abstração. A epistemologia moderna, subsidiada pela racionalidade lógico-matemática, então “tritura” a linha unidimensional em pontos (dados discretos, quantitativos e calculáveis). “Nesse momento, os números (*zahlen*) migram do código alfanumérico e se transformam em numerais (*nummer*)” (FLUSSER, 2014, p. 157). As teorias científicas passam a se expressar de modo mais matemático, buscando conceber o universo por meio do cálculo. É bebendo dessa fonte teórica que a ciência tem seu mais acelerado avanço no domínio tecnológico. A revolução da informação, por exemplo, pode ser vista como consequência prática das teorias científicas modernas na física e na computação. A experiência vivida nessa fase é povoada de imagens técnicas (ou tecnoimagens) projetadas por programas escritos em linguagem computacional e executados por aparelhos eletrônicos (exemplos de imagens técnicas: fotografias, vídeos, gráficos gerados por computador; imagens de microscópio, telescópio, raio-x e infravermelho; artes digitais em meios diversos, interfaces de sistemas, hologramas etc.). À medida que a projeção é vista de mais perto, percebe-se que ela não é contínua: é composta por pontos, pixels distribuídos segundo a programação e capacidade computacional. A imagem técnica não faz referência a um passado ou futuro da consciência histórica: está num plano formalístico atemporal, de modo que, sem o conhecimento específico do programa, não há qualquer referência que permita falar seguramente a respeito de sua veracidade. A consciência pós-histórica, ainda em formação, apresenta essas características: é formalística, pontual, sintética. O contato com o mundo recupera a visualidade, porém de um modo ontologicamente distinto: ao fundo das imagens não há mais um mundo natural de primeira ordem, mas programas que podem ser decifrados, editados e manipulados para projetar realidades alternativas.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

4. Pós-história e mediação: reacendendo a discussão do comunicacional

A pós-história se consolida como “clima” da cultura globalizada à medida que as imagens técnicas começam a assumir protagonismo em relação aos textos. Estes eram até então, pelo código unidimensional, articuladores da consciência histórica que, por sua vez, é um modo de cognição sustentado pelo poder de uma elite letrada, culta, que concebe e narra o mundo como uma sucessão de acontecimentos dentro de uma estrutura linear – isso então se dissemina e vira o senso comum. O modo de encobrimento do código unidimensional é domar o caos organizando-o em linhas.

Já o modo de existência na pós-história é radicalmente novo e não pode ser suficientemente compreendido utilizando-se os métodos anteriormente válidos para alcançar verossimilhança. Esse estar-no-mundo é formalístico: em vez de uma sucessão de eventos que seguem uma direção (do passado para o futuro) dentro de uma narrativa central, os acontecimentos na pós-história se distribuem em uma vasta rede telemática, em que cada nó de seus fios fornece possibilidade de combinação de narrativas diversas, sem que se possa identificar um fio único de origem. Qualquer pretensão de realidade, verdade e verossimilhança, portanto, já não pode ser obtida simplesmente pela investigação histórica tradicional: não se trata de rastrear a origem de uma narrativa pós-histórica no repositório dos fatos da consciência histórica. “As imagens técnicas são projeções que projetam significados de dentro para fora (...) é precisamente isto o seu ‘sentido’ (*sinn, meaning*)” (FLUSSER, 2012, p. 69). O correto seria rastreá-la nas teorias científicas que lhe deram origem, ou seja, descobrir em qual programa está escrita e, principalmente, editada.

Há uma forte alteração na cognição e no senso de realidade nessa nova cultura, que se baseia em um novo código configurador da experiência vivida. Ela é chamada de pós-história não somente porque sucede um modelo que chamávamos de história, mas porque sua própria essência já carrega a ideia de *ausência* de história. O formalismo



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

lógico-matemático trabalha com ideias eternas, atemporais. Não faz sentido dizer que uma equação matemática é válida em uma dada circunstância histórica e em outra não. Ela o é sempre. A ideia é que o universo, embora seja indescritível (pelos textos), é perfeitamente calculável (pelos números) – ao menos esse é o pressuposto da concepção de mundo reduzida à competência da racionalidade matemática, e que vem a produzir grandes mudanças no tecido social, em diferentes áreas.

Essa dinâmica começa a indicar um novo tipo de futuro, no qual a imagem técnica é entronada e passa a retroagir sobre os acontecimentos. Há uma inversão de prioridades entre a função tradicional da imagem, que era ser complemento da experiência; para uma situação em que a própria experiência se torna complemento da imagem ou até mesmo é *produzida* com o fim de complementá-la. Eventos começam a acontecer para se transformar em imagens: casamentos acontecem para ser fotografados, textos em jornais tornam-se *pré-textos* para as fotografias, guerras são travadas para virar filmes. Os eventos passam a se articular em torno do sentido da imagem, e a história acelera em direção a ela.

A atividade científica expressa cada vez mais seus resultados e articula suas novas investigações por modelos imagéticos: estatísticas, diagramas, gráficos, simulações, informativos digitais, documentários de divulgação científica etc. A arte segue caminho parecido, com enfoque menor em sua base material de composição e maior no modelo abstrato que a guia, isto é, no *design*. Nesse ínterim, é interessante perceber que a produção científica e a artística começam a apresentar modos convergentes de produção e expressão.

Flusser vê na atividade artística a “neguentropia” que está no cerne de sua ideia de comunicação: a produção do improvável diante do crescimento constante das probabilidades condicionadas. É por isso que, numa convergência entre arte, ciência e comunicação que seja engendrada por uma consciência crítica e criativa, novas possibilidades de experiências e politização surgem. O mesmo mecanismo guarda,



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

porém, o risco de ser tomado por uma ideologia totalitária e tecnocrática, caso não se articulem resistências. A pós-história, mais do que nunca, é terreno de disputa pela comunicação e suas estruturas.

Delineadas então as mudanças técnicas e socioculturais decorridas da pós-história, pode-se convocar aquele elemento provocado no questionamento inicial: o objeto comunicacional. O tensionamento que o código nulodimensional provoca na epistemologia moderna tem inegável repercussão na discussão do comunicacional.

Na fase dos artefatos, das imagens tradicionais e dos textos, os códigos eram intuitivamente percebidos como “objetos”, ou seja, como algo inserido entre a percepção imediata (material) de uma informação e a sua percepção significativa (intersubjetiva). Isso favoreceu a visão dualista de comunicação como transmissão ou ponte que leva informação de um ponto a outro. O motivo dessa percepção, no entanto, é simples: os códigos tri, bi e unidimensionais possuem extensão e suas proporções são designadas para a escala da corporeidade humana – manuseio tátil, visualização e leitura a olho nu. Por isso se “heterogeinizam” fenomenicamente e são distinguíveis da *erlebnis* pura (4d), são percebidos como separados.

Quando se mergulha, porém, no código nulodimensional pós-histórico, conclui-se que ele não é intuitivamente percebido como algo que faz ligação entre uma percepção imediata e outra significativa (que estaria “por trás”), e isso por alguns motivos. Primeiro porque as imagens técnicas projetadas por aparelhos não são apenas imagens tradicionais digitalizadas: elas na verdade podem simular a experiência em múltiplas dimensões (hologramas são um exemplo). Depois, porque o código nulodimensional é constituído de pontos discretos, manipuláveis em escalas tão microscópicas quanto permitirem as tecnologias de ampliação, inconcebíveis pelos sentidos primários. Além disso, e o mais essencial, esse novo código possui uma natureza que não é nem subjetiva nem objetiva – ela está, segundo Flusser, numa zona cinzenta, de virtualidade – justamente na fonte de onde brotam sujeitos e objetos



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

(FLUSSER, 2014, p. 102). Ele dá o exemplo da física de partículas: quando chegamos ao átomo, que seria a menor parte da matéria, percebemos que ele pode ser fracionado em partes ainda menores (*quarks*) e assim por diante. Até que se chega a um ponto em que não é possível distinguir se a nova fração infinitesimal alcançada é de fato um objeto da natureza ou se é uma projeção da racionalidade impingida na observação do fenômeno (p. 103).

A pós-história flusseriana, enfim, converge para o que se nomeia *midiação* no campo da comunicação, com sutis diferenças no percurso conceitual; visto que a última é elaborada no seio das teorias da comunicação de matriz sociológica, enquanto a primeira é produto do método fenomenológico. A *midiação* marca a consolidação de uma tendência em que o comunicacional, antes difuso nos processos de construção da cultura e cognição, passa então a assumir uma posição central – não como centro material e palpável que se apresenta claramente no presente, mas como presença na virtualidade que mobiliza a história desde o futuro.

Das abordagens através das quais se discute hoje o fenômeno da comunicação, acreditamos ser aquela denominada *midiação social* a que melhor congrega os esforços não só de atribuir à comunicação sua especificidade discursiva, mas, sobretudo, de reconhecer seu caráter fenomênico. O fenômeno da *midiação social* compreende tanto a dimensão central, assumida pela técnica, nos processos comunicacionais como realiza sua abordagem para além do formato instrumental, concebendo-o como *ambiência histórica*. (QUIROGA, 2013, p. 379).

Diante dessa *ambiência* marcada por uma tensão comunicacional, Flusser enxerga as possibilidades dentro de um contínuo balizado por dois extremos: 1) o pensamento tecnoimágico se descolaria de modo progressivo e cada vez mais irreversível do conceitual, o que causaria alienação, desagregação política e comunitária, controle tecnocrático, triunfo do discurso pseudocientífico, obscurantismo;



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

conduzindo a “um “totalitarismo uniformizado” (*gleichgeschalteter autoritarismus*)” (FLUSSER, 2014, p. 43). 2) o pensamento tecnoimagético conseguiria resgatar o conceitual por meio de uma cultura mais consciente, capaz de realizar a transcodificação: tem-se um senso de realidade recuperado, forma-se uma esfera pública em rede, com capacidade de usar os aparelhos para gerar diálogos, produzindo tanto novos conteúdos quanto crítica cultural: uma possível comunhão intersubjetiva mediados.

O importante, contudo, não é entrar em aventuras futuroológicas para “descobrir” qual será o rumo. Muito antes, e mais humildemente, deve-se delimitar com clareza *o que está criando a dicotomia*. Apoiados em Flusser e arriscando alguns passos a mais, pode-se conjecturar que se trata da comunicação caminhando para sua singularidade: a humanidade se engaja na tentativa de criar uma interface comunicacional que possa portar o máximo de informação e gerar o maior sentido possível, tendendo ao infinito; porém o faz sem estar realmente equipada para decifrar a própria criação – o que se percebe no colossal volume de dados e teias de sentido que são produzidos telematicamente sem que ninguém tenha controle ou consiga acompanhar a velocidade do fenômeno.

5. Conclusão

A comunicologia flusseriana entra como possibilidade de desvelar a complexidade *primordial* da comunicação ao mesmo tempo em que tenta captá-la em sua complexidade mais *atual* – ou seja, seu momento presente, cada vez mais acelerado e complexificado pelo acontecimento da mediação. Se o objeto comunicacional tem uma faceta como informação (objetiva/formal) e outra como sentido (intersubjetiva/existencial), segue-se que a mediação é o fenômeno mais ambíguo e generalizado nesse sentido já ocorrido e, por isso, aquele com maior *potencial*



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

comunicacional. Como tal, pode ser destrinchado pela combinação de diferentes métodos. Daí que, para revelar as diferentes faces desse fenômeno, a comunicologia pode empregar ora o método das ciências exatas (informática, análise dos códigos, correlações estatísticas de processos de codificação/decodificação), ora o da filosofia (fenomenologia, ontologia, antropologia e pragmática da comunicação), ora o da crítica cultural (crítica da comunicação), ora o da arte criadora (linguagens comparadas, tradução transmidiática). Tudo isso a depender da densidade e relevância dos problemas elencados pela discussão teórica, epistemológica e crítica, e trabalhados pelas especialidades de diferentes pesquisadores.

Tentar ansiosamente compreender o sentido sem captar a complexidade da informação só vai gerar um misticismo caduco diante de uma caixa-preta cada vez mais robusta e insondável. No oposto, ansiar pela informação sem captar o sentido se revela uma armadilha que pode transformar o indivíduo em apenas mais um funcionário técnico do aparato. Entender o *entre* dessas facetas (a comunicação) pode soar deveras pretensioso, mas não deixa de ser uma responsabilidade do comunicólogo: buscar, na medida do possível, desenredar essa complexidade e lançar um sopro de lucidez em um clima de entorpecedora ambiguidade.

A midiatização, longe de “entregar” o objeto comunicacional em sua essência, ao menos parece ter dado boas pistas, um norte magnético para a bússola epistemológica nas formulações teóricas da área. Ela abre um novo lugar a partir do qual podemos fazer novas perguntas e, com isso, avançar no amadurecimento filosófico e científico do campo. E mais importante: motivar o resgate de um *ethos* que tem no desafio de decifrar uma singularidade (ou singularidades) do comunicacional na convocação para um novo tipo de esfera pública, organizável tanto nos espaços tradicionais quanto no ciberespaço, que deve promover uma educação para as imagens técnicas e buscar o deciframento crítico de suas ambiguidades. Isso é o mínimo a ser feito para evitar um totalitarismo em que a consciência humana pode acabar se tornando



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

facilmente programável por um metacódigo autônomo, um algoritmo a assumir a função de deus; ou por uma multiplicidade caótica de códigos duvidosos e impositivos, prontos para explorar a fragilidade de quem se furta ao pensamento e ao diálogo.

Referências bibliográficas

FERRARA, L. **A comunicação que não vemos**. São Paulo: Editora Paulus, 2018.

FLUSSER, V. **Bodenlos: uma autobiografia filosófica**. São Paulo: Annablume, 2007a.

_____. **Comunicologia: reflexões sobre o futuro: as conferências de Bochum**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

_____. **O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação**. São Paulo: Cosac Naify, 2007b.

_____. **O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.

HANKE, M. **A comunicologia segundo Vilém Flusser**. Galáxia. São Paulo, n. 7, p. 59–72, abril de 2004.

MARTINO, L. C. (org.); BERGER, C.; CRAIG, R. **Teorias da Comunicação: Muitas ou Poucas?** São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

MATTELART, A; M. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

QUIROGA, T. **Pensando a episteme comunicacional**. Campina Grande: Eduepb, 2013.